

SIMPÓSIO 05

O PORTUGUÊS FALADO NO MUNDO: INVESTIGAÇÕES SOBRE A ORALIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA

COORDENAÇÃO:

Professora Aline Bazenga
Universidade da Madeira, Funchal, Portugal/ aline@uma.pt

Professor Gil Negreiros
USP, UNINCOR – Mestrado Letras / gilrobertonegreiros@yahoo.com.br

Professora Gislaíne Vilas Boas
FEPI / gislaíneavb@yahoo.com.br

MODIFICADORES DE ADJETIVOS DE GRAU EM PB

Ana Paula QUADROS GOMES¹

RESUMO: *Bem* e *muito* não são sinônimos. *Muito* sempre produz sintagmas adjetivais de parâmetro relativo, livremente escolhido no contexto, e requer disjunção entre os graus comparados. Por outro lado, sintagmas adjetivais complexos com *bem* requerem por parâmetro uma categoria a que o argumento do adjetivo de grau (AG) pertença, um seu hiperônimo. Isso “protege” os sintagmas com *bem* dos efeitos da manipulação contextual e aproxima o parâmetro desse intensificador do tipo absoluto. *Bem* requer que os graus comparados se sobreponham. Há contextos em que tais intensificadores não são intercambiáveis. Se o tamanho de um arquivo excede o máximo aceito pelo provedor, dizemos que ele “é muito grande para enviar por e-mail”, mas não que ele #“é bem grande para enviar por e-mail”. “Um prato bem cheio de farinha” precisa estar repleto, mas “um prato muito cheio de farinha” pode estar pela metade, desde que apresente uma quantidade de farinha superior àquela que o falante tinha em mente. Nossa análise dá conta desses fatos. Em inglês, o tipo da escala e parâmetro de cada adjetivo de grau (AG, aquele adjetivo que pode receber intensificação, como em “muito alto”) determina que intensificador pode ou não modificá-lo (cf. Kennedy; McNally, 2005). Tanto *bem* quanto *muito* intensificam quaisquer AG. Entendemos que aquilo que em inglês determina a seleção do argumento do intensificador em PB determina a natureza do sintagma complexo resultante da intensificação. Em PB, é o produto da operação de intensificação que se conforma a um tipo determinado de parâmetro ou de escala.

PALAVRAS-CHAVE: Adjetivos de grau; Intensificadores; Sintagma nominal; Escalas; Universais semânticos

A classe dos advérbios é notoriamente heterogênea. Alguns são tradicionalmente chamados de intensificadores, por serem “palavras que se juntam a [...] adjetivos, para intensificar uma qualidade” (Cunha, 1985: 499). Adjetivos em geral atribuem qualidade a seu argumento; porém, não é a qualquer adjetivo que se pode juntar um advérbio de intensificação. Um dos advérbios que se juntam a adjetivos é ‘muito’. Comparemos ‘João adorou saber que sua esposa está (*muito) grávida’ a ‘Maria está muito feliz’; ou ‘Pedro avisou que o almoço está (*muito) servido’ a ‘O carro de Lia está muito amassado’; vemos que ‘feliz’ e ‘amassado’ aceitam a intensificação, mas os adjetivos ‘grávida’ e ‘servido’ a rejeitam. Os que aceitam intensificação são ditos “adjetivos de grau” (AGs) (cf. Foltran & Crisóstimo, 2005; e Foltran, 2007). Logo, a subclasse dos advérbios identificada como a dos intensificadores se combina a apenas uma parte dos adjetivos, àqueles que recebem o rótulo especial de AGs. Mas será que qualquer

¹ UFRJ, Faculdade de Letras, Departamento de Vernáculos; Av. Horácio Macedo, 2.151, Cidade Universitária, Ilha do Fundão, CEP 21941-59, Rio de Janeiro – RJ, Brasil; anaquadrosgomes@letras.ufrj.br. Apoio Faperj (APQ5).

AG pode ser intensificado por qualquer advérbio de intensificação? Algumas pesquisas já responderam “não” a essa pergunta.

Examinando um extenso corpus de adjetivos (participiais) do inglês, Kennedy e McNally (2005) encontraram uma distribuição complementar entre os advérbios de intensidade ‘*much*’, ‘*very*’ e ‘*well*’; isto é: cada um deles intensifica exclusivamente um subgrupo dos adjetivos de grau. Por exemplo, o adjetivo ‘*surprised*’ só pode ser intensificado por ‘*very*’ (‘a *very*/?*well*/?*much* surprised face’); ‘*praised*’, somente por ‘*much*’ (‘the *much*/?*well*/?*very* praised school’); e ‘*educated*’, apenas por ‘*well*’ (‘those who were not *well*/?*very*/?*much* educated’). Dado não haver uma razão sintática para esses fatos, os autores se propuseram a buscar uma explicação na semântica dos adjetivos de grau.

Os autores defendem que um AG denota uma função de medida. Por exemplo, ‘comprido’ “mede” o comprimento de seu argumento (‘saia’, em ‘saia comprida’). Supondo que o comprimento da saia seja 1,20 m, o adjetivo ‘comprido’ marca, na escala da propriedade relevante (COMPRIMENTO), o grau correspondente a tal medida. Uma escala é uma sucessão de graus unidirecionalmente ordenados: metaforicamente, é uma reta, formada de pontos que aumentam de valor da esquerda para a direita; como uma régua, ela só tem valores positivos (maiores que zero). Mas o fato de o adjetivo ligar seu argumento a certo grau na escala ainda não basta para decidirmos se esse indivíduo é ou não comprido. Uma saia de 1,20 m de comprimento pode ter comprimento de menos, caso estejamos pensando em vesti-la numa pessoa muito alta; ou pode ter comprimento demais, se quem for usá-la for uma pessoa de baixa estatura. Em vista disso, os autores explicam que a decisão sobre o valor de verdade da predicação por AGs se dá pela comparação entre o grau de seu argumento com o de um parâmetro de comparação que não está expresso na sentença. Isto é, entre os constituintes da sentença ‘a saia é comprida’, estão o adjetivo (‘comprida’) e seu argumento (‘a saia’), e a operação do primeiro sobre o segundo nos leva ao grau da escala de COMPRIMENTO correspondente à medida da saia (1,20 m). Nada nessa sentença determina que comparemos esses 1,20 m com o grau de comprimento da cintura até o pé de uma mulher com 1,50 m de altura, ou, em vez disso, com o grau de comprimento da cintura até o pé de alguém com 1,90 m de altura. Entretanto, a saia será ‘comprida’ ou ‘curta’ para alguém, dependendo do comprimento que vai da cintura até o pé desse alguém. Os dois graus de comprimento são comparados. Cada AG requer certa ordem relativa entre os graus comparados: ‘comprido’ requer que seu argumento tenha um grau de COMPRIMENTO superior ao do outro termo da comparação; e ‘curto’ requer a ordem inversa: o grau de COMPRIMENTO do termo de comparação tem de passar o do argumento do AG. Os autores postulam a existência de um operador não-pronunciado, batizado de *pos*. *Pos* define uma ordem relativa que deve vigorar entre o grau do argumento do AG e o do parâmetro de comparação assumido, assim como fazem as palavras ‘mais’ e ‘menos’ em estruturas comparativas como ‘esta saia é mais comprida do que aquela’.

Mapeando as relações possíveis entre os graus comparados, Kennedy e MacNally (2005) chegam a uma tipologia lógica para as escalas. Veremos a tipologia proposta mais detalhadamente adiante. No momento, vale ressaltar que o grupo de adjetivos intensificado por ‘*very*’ corresponde a um desses tipos; o grupo de adjetivos intensificado por ‘*much*’, a um segundo tipo; e o grupo intensificado por ‘*well*’ corresponde ao terceiro desses tipos lógicos. Assim, a complementaridade na seleção de adjetivos pelos intensificadores deixa de ser misteriosa: cada intensificador do inglês s-seleciona um tipo distinto de escala (o AG, como predicador, exige que seu argumento exiba certa propriedade semântica, que é ter um tipo específico de escala).

Seguindo os passos de Kennedy e MacNally (2005), observamos que os intensificadores do PB ‘muito’ e ‘bem’ não fazem uma s-seleção baseada em tipos de escala, isto é: ambos podem modificar, sem restrições, quaisquer adjetivos de grau. Não obstante, defendemos que a tipologia lógica das escalas tem efeitos sobre o comportamento dos intensificadores do PB. O que ocorre é que esse efeito se manifesta num ponto diferente da composição semântica da sentença em PB. Sustentaremos que, em PB, a complementaridade entre tipos de escala não rege a seleção do AG pelo intensificador, mas aparece no complexo produzido pela intensificação. Para tanto, descreveremos os produtos de intensificação por ‘muito’ e por ‘bem’.

Os Tipos de Escala

AGs como ‘comprido’, como já dissemos, exigem que o grau (1,20 m, a medida do comprimento) de seu argumento (‘a saia’) seja maior que o grau do parâmetro de comparação, mas o parâmetro não é fixo. O falante pode tomar como parâmetro uma pessoa com 1,50 m de altura, rendendo a sentença ‘a saia é comprida’ verdadeira; ou o parâmetro tomado pode ser uma pessoa de 1,90 m de altura, rendendo a sentença ‘a saia é comprida’ falsa. Comparando a nossa saia de 1,20 m alternadamente a esses mesmo dois parâmetros, obteríamos os valores de verdade inversos para a sentença ‘a saia é curta’. Esse é um exemplo de escala aberta. Embora o grau da escala associado ao argumento do AG tenha um valor fixo, o parâmetro é livremente escolhido no contexto, sem que haja nenhuma restrição linguística operando nessa escolha. O resultado dessa liberdade é que ‘a saia’ pode ser comparada a diferentes medidas de comprimento entre a cintura e os pés. Entretanto, ‘comprido’ requer que o termo de comparação assumido do contexto tenha grau menor que o de seu argumento; e ‘curto’ requer que o grau do termo de comparação esteja abaixo do grau de seu argumento. Logo, a escolha do parâmetro determina a ordem relativa entre os graus comparados.

Segundo Kennedy e McNally (2005), ‘*very*’ intensifica apenas AGs como ‘comprido’, ditos de escala aberta, também chamados de AGs de parâmetro relativo a um contexto, ou, abreviadamente, de AGs relativos. O argumento do AG é levado a certo grau na escala, mas a verdade da predicação depende do grau apresentado pelo parâmetro escolhido. Assim se explica que a mesma saia pode ser comprida para alguém e curta para outra pessoa. São relativos também os AGs ‘quente’/‘frio’, ‘alto’/‘baixo’, ‘gordo’/‘magro’, ‘caro’/‘barato’ etc. Logo, escalas como as de COMPRIMENTO, TEMPERATURA, ALTURA, GORDURA e PREÇO são escalas abertas (para detalhes, ver Quadros Gomes 2008, 2009 e 2011).

Uma outra classe de adjetivos, chamados de absoluto, tem o parâmetro fornecido por uma dimensão do seu argumento, ou seja, ele vem de uma propriedade inerente ao indivíduo denotado pelo SN que esse AG modifica. Por exemplo, para considerarmos um recipiente ‘cheio’, precisamos examinar o seu estado na situação relevante e compará-lo ao seu limite máximo de OCUPAÇÃO. Se o estado do indivíduo (denotado pelo argumento do AG ‘cheio’) coincidir com esse parâmetro de comparação, então a predicação é verdadeira desse indivíduo. O parâmetro é o ponto em que a capacidade do recipiente em questão está 100% ocupada; o volume que cada recipiente comporta varia conforme seu tamanho, sua forma e outras características inerentes ao indivíduo e permanentes; uma xícara de café pode estar ‘cheia’ com 120 ml, e um copo de água com 250 ml, mas não se pode escolher qualquer outro parâmetro de comparação no contexto, distinto do limite máximo de OCUPAÇÃO do indivíduo de que o AG predica. Essa rigidez na fixação do parâmetro, para os AGs absolutos, vem acompanhada de outra característica, concernente ao tipo de escala. Uma vez que o parâmetro de comparação é informado por uma característica inerente do próprio indivíduo sobre o qual recai a adjetivação, o grau a que o parâmetro será levado na escala é fixo. O recipiente nunca poderá apresentar um grau de OCUPAÇÃO maior que o do parâmetro, visto que esse recipiente não pode reter nada além do volume acomodado por sua capacidade máxima de OCUPAÇÃO. Não é possível encontrar mais de 250 ml de água num copo com essa capacidade, por exemplo. Os graus comparados podem coincidir, sobrepor-se (caso em que o copo estará ‘cheio’), ou o copo pode conter menos água do que sua capacidade permite, o que torna a predicação falsa. Como é impossível que o grau atribuído ao argumento de ‘cheio’ venha a ultrapassar o grau do parâmetro de comparação, essa escala é dita fechada.

O que distingue os AGs absolutos dos relativos é que o parâmetro de comparação só pode ser livremente escolhido no contexto conversacional no caso dos relativos. Recordemos, ainda, outra propriedade de AGs relativos, quanto ao tipo de relação entre os graus comparados. João será ‘alto’ caso seu grau de ALTURA seja maior que o do parâmetro, e João será ‘baixo’ caso o seu grau da propriedade seja menor que o do parâmetro; mas, nos dois casos, AGs relativos comparam graus distintos. Se ocorrer de João e o parâmetro apresentarem o mesmo grau de ALTURA, João não será nem ‘alto’ nem será ‘baixo’. Isso não vale para AGs absolutos. A posição relativa entre os graus comparados agora já não é mais de disjunção, mas de conjunção ou sobreposição: um ‘copo cheio’ tem de apresentar um grau da propriedade idêntico ao grau do parâmetro de comparação, que é o correspondente aos 100% de OCUPAÇÃO desse mesmo indivíduo. Um recipiente ‘vazio’ também tem de apresentar o mesmo grau de OCUPAÇÃO do parâmetro, que agora é o grau zero de OCUPAÇÃO: só consideramos ‘vazio’ um copo sem nada dentro. Se o argumento de um AG

dessa escala apresentar um grau de OCUPAÇÃO diferente do grau do parâmetro, por exemplo, se o copo apresentar um nível de conteúdo maior que zero e menor que sua capacidade máxima, não será verdade desse indivíduo nem que está ‘cheio’ nem que está ‘vazio’.

Se tanto o polo positivo (‘cheio’) quanto o negativo (‘vazio’) exigem coincidência entre os dois graus comparados, a escala (OCUPAÇÃO) é dita fechada nas duas pontas. Há também escalas fechadas numa única ponta. Por exemplo, um prato ‘limpo’ é um prato desprovido de sujeira. Como no caso de ‘vazio’, o grau correspondente ao estado do argumento do AG na situação em exame e o grau do parâmetro de comparação (no caso de ‘limpo’, também uma característica inerente do indivíduo: o grau zero de SUJEIRA) precisam coincidir. Mas qualquer grau de SUJEIRA diferente de zero, ou seja, qualquer grau distinto do desse parâmetro, torna verdadeiro do prato que ele está ‘sujo’. Escalas como a de SUJEIRA, em que apenas um dos polos (‘limpo’) requer sobreposição entre os graus comparados, e o outro polo (‘sujo’) requer disjunção entre os graus comparados, qualquer que seja a distância entre eles, é chamada de escala parcialmente fechada, ou seja, de escala fechada numa ponta só. Atente-se para o fato de que só um parâmetro (fixo e inerente ao indivíduo) atua para os dois polos da escala; o polo fechado exige coincidência do grau do indivíduo de que o AG predica, na situação relevante, com o grau do parâmetro; enquanto o polo aberto requer distinção entre o grau desse mesmo parâmetro e o grau do indivíduo de que o AG predica, na situação relevante.

Intensificação em PB e S-Seleção por Tipos de Escala/Parâmetro

Diferentemente dos intensificadores do inglês, ‘bem’ e ‘muito’ não selecionam um tipo particular de escala ou de parâmetro, como observamos de (1) a (3).

Esta saia está bem /muito comprida (/curta) para Maria.
A praia está bem /muito cheia (/vazia) hoje.
Este prato está bem /muito limpo (/sujo).

Os AGs de (1) são relativos, de escala aberta; os de (2) são absolutos, de escala fechada nas duas pontas; e os de (3) são absolutos, de escala fechada numa ponta só. Tanto ‘bem’ como ‘muito’ podem se compor com qualquer um desses tipos.

O que fazem os intensificadores, quando se compõe com AGs relativos? Comparemos uma sentença sem intensificação com outra, em que há um intensificador:

Esta saia está comprida para Maria.
Esta saia está bem /muito comprida para Maria.

Salta aos olhos que a medida de comprimento da saia tem de superar a do parâmetro (o comprimento ideal de uma saia para Maria vestir, no gosto do falante) tanto em (4) quanto em (5), para que as sentenças sejam verdadeiras. Mas qualquer diferença positiva entre os graus comparados rende a sentença (4) verdadeira, enquanto a verdade da (5) pede uma diferença mais pronunciada. Assim, se a saia estiver 2 cm mais longa do que o desejado, ela será ‘comprida’ (para Maria), mas não necessariamente será ‘muito comprida’. Já se o tamanho ideal tiver 15 cm menos que o comprimento da saia, esta poderá certamente ser classificada como ‘muito comprida’. O intensificador não altera a ordem relativa entre os graus comparados que o AG requer e sim pede um aumento da diferença entre eles. Não há se nota diferença entre a intensificação de um AG relativo por ‘bem’ ou por ‘muito’ em (5), ambos exigindo que o grau do argumento do AG relativo fique mais distante do grau do indivíduo ou classe a que é comparado.

Também para o caso de um AG absoluto correspondente à ponta aberta da escala, em que tem de haver disjunção entre os graus, como vemos em (6), podemos manter que o intensificador não interfere na ordem relativa entre os graus

comparados (tanto ‘sujo’ quanto ‘muito sujo’/ ‘bem sujo’ requerem que o grau do seu argumento supere o grau do parâmetro de comparação); o intensificador exige, isso sim, um aumento da distância entre os graus comparados (7).

Este prato está sujo.

Este prato está bem /muito sujo.

Se o prato em questão apresentar um grau positivo qualquer de SUJEIRA, (6) será uma sentença verdadeira; mas (7) não será verdadeira caso o prato esteja só um pouquinho sujo; para a verdade de (7), é preciso que o grau de SUJEIRA do prato na situação examinada se distancie mais do zero.

Entretanto, já vimos que os polos fechados de escalas não requerem disjunção entre os graus comparados, mas sobreposição. Como o intensificador opera em polos fechados da escala? Ilustremos com (8), (9) e (10):

Este prato está limpo.

Este prato está muito limpo.

Este prato está bem limpo.

Obviamente, já que ‘limpo’ requer que o prato apresente o mesmo grau de SUJEIRA que o parâmetro de comparação (zero, ou seja, nenhum grau positivo de sujeira), não se pode dizer que ‘muito’ (em 9) ou ‘bem’ (em 10) requeiram um aumento na distância entre os graus comparados. De fato, os graus comparados estiverem dissociados, ‘limpo’ não será verdadeiro de seu argumento (em 8). Como captar a intensificação em (9) e (10), então? Como primeiro passo na direção de uma resposta, oferecemos as paráfrases em (11) e (12), respectivamente para (9) e (10):

Este prato está mais limpo do que eu imaginaria.

Este prato está tão limpo quanto um prato pode ficar.

Observe-se, primeiramente, que (11) explicita uma ordem relativa entre os graus comparados tal que o argumento do AG apresenta um grau da propriedade mais elevado que o grau do parâmetro de comparação (codificado pela expressão ‘do que eu imaginaria’); os graus comparados estão disjuntos. Observe-se, por outro lado, que (12) apresenta coincidência entre os graus comparados: o grau de LIMPEZA do prato é o mesmo do parâmetro de comparação (codificado pela expressão ‘quanto um prato pode ficar’). Vale ressaltar que as paráfrases não podem ser trocadas: ‘muito’ pode ser parafraseado por ‘mais que’, mas não por ‘tanto quanto’; inversamente, ‘bem’ pode ser parafraseado por ‘tanto quanto’, mas não por ‘mais que’. Por que os intensificadores se comportariam do mesmo modo com adjetivos de grau relativos ou com pontas abertas de escalas fechadas, mas deixariam de apresentar um comportamento em comum no caso de AGs como ‘limpo’, que requerem a sobreposição entre os graus comparados? É essa a questão que examinaremos daqui em diante.

Intensificação em AGs Absolutos de Pontas Fechadas de Escala

Os dados mais interessantes, por revelarem as diferenças de operação e interpretação entre os intensificadores ‘bem’ e ‘muito’, concernem aos AGs que correspondem a pontas fechadas de escalas. Como vimos, sem intensificação, AGs como ‘limpo’. ‘cheio’ e ‘vazio’ requerem a sobreposição, ou seja, a coincidência entre os graus comparados. Entretanto, ‘muito limpo’ (9) é parafraseável como uma ordem relativa entre graus comparados disjuntos (11), mas ‘bem limpo’ é parafraseável como uma sobreposição entre os graus comparados (12).

Vamos primeiramente investigar ‘muito’.

‘Muito’ + pontas fechadas de escala

Lembremos que um recipiente com uma ocupação menor que 100% não está nem cheio nem vazio. AGs que correspondem a pontas fechadas de escala requerem coincidência com o parâmetro: um prato cheio está repleto

(apresenta 100% de OCUPAÇÃO, ou seja, o mesmo grau do parâmetro, o máximo da escala); e um prato vazio não tem nada dentro, ou seja, apresenta zero % de conteúdo, que é o grau mínimo da escala, o mesmo do parâmetro. Dissemos, também, que o julgamento da verdade da predicação por adjetivos absolutos é impermeável a manipulações contextuais, uma vez que o parâmetro não é proveniente do contexto, e sim é fornecido por uma característica inerente do indivíduo que o AG toma como argumento. Ilustremos com (13) e (14):

Meu prato está cheio.
Meu prato está vazio.

A verdade de (13) e a de (14) dependem exclusivamente de o estado do prato, em termos de grau de OCUPAÇÃO, ser idêntico ao dos parâmetros de comparação, respectivamente, 100% e zero por cento. Seja quanto for o apetite ou a fome que eu esteja sentindo, seja o conteúdo do prato meu alimento favorito ou algo que eu não suporto, nada disso interfere no julgamento da verdade dessas sentenças. Um prato com 50% de sua capacidade ocupada não se qualifica nem como ‘cheio’ nem como ‘vazio’. Mas consideremos agora as sentenças após a inserção do intensificador ‘muito’, uma por vez:

Meu prato está muito cheio.
Meu prato está muito vazio.

Digamos que eu deteste quiabo, e que não tenha fome. Nesse contexto, ao ver meu prato ser preenchido, até a metade, com esse alimento que eu detesto, num local em que, por cerimônia, eu me sinta compelida a comer aquilo que me for servido, eu poderia enunciar (15), para expressar que o volume colocado no meu prato supera a quantidade de alimento que eu desejaria ingerir. A sentença com ‘muito’ (15) pode descrever um prato pela metade, nessas circunstâncias (note-se que (13) é inaceitável no mesmo contexto).

Agora imaginemos um cenário oposto: quiabo é meu prato favorito, e eu estou morta de fome. Nesse contexto, ao ver meu prato ser preenchido até a metade com minha comida predileta, num local em que, por cerimônia, eu não poderei repetir, enunciando (16) eu expressaria meu juízo de que o volume colocado no meu prato é inferior à quantidade desse alimento que eu gostaria de saborear. A sentença com ‘muito’ (16) pode descrever perfeitamente um prato pela metade, nessas circunstâncias (note-se que (14) não pode ser usada para descrever essa situação).

Já vimos que um prato com 50% de OCUPAÇÃO não se qualifica nem como um ‘prato cheio’ nem como um ‘prato vazio’; como explicar, então, que um prato com esse mesmo grau da propriedade, nos contextos mencionados, possa ser descrito ora como ‘muito cheio’, ora como ‘muito vazio’? Obviamente, a primeira constatação é a de que ‘muito’ interfere no tipo de parâmetro. Um adjetivo absoluto, quando intensificado por ‘muito’, passa a ter parâmetro relativo. Um mesmo indivíduo, com um grau fixado da propriedade, pode ser considerado ‘muito cheio’ (polo positivo intensificado) ou ‘muito vazio’ (polo negativo intensificado), dependendo do cenário, porque o parâmetro de comparação é informado agora pelo contexto (o tanto de comida que eu desejava), sempre que ‘muito’ está modificando o adjetivo. ‘Muito’ + polo positivo requer que o argumento do AG apresente grau maior que o do parâmetro tomado do contexto, enquanto ‘muito’ + polo negativo requer a ordem relativa inversa entre os graus comparados disjuntos: o argumento do AG precisa apresentar um grau menor que o do parâmetro tomado do contexto.

Ou seja: ‘muito cheio’ equivale a ‘mais ocupado que o parâmetro’, e ‘muito vazio’ equivale a ‘menos ocupado que o parâmetro’. Logo, vemos que, não importa como o AG seja classificado quando não está precedido de um advérbio intensificador, uma vez intensificado por ‘muito’, qualquer AG vai formar uma expressão de grau de parâmetro relativo (dado pelo contexto, em vez de ligado a uma característica inerente ao argumento) e de escala aberta (os graus comparados são disjuntos, e a ordem relativa vai numa direção, se o AG é o polo positivo – o argumento tem de apresentar o grau mais alto entre os comparados – e na direção inversa, se o AG é o polo negativo da escala – nesse caso, o argumento tem de apresentar o grau mais baixo de todos).

A seguir, examinaremos o efeito da intensificação por ‘bem’ nos adjetivos.

‘Bem’+ pontas fechadas de escala

Voltemos ao cenário do prato servido até a metade. Dissemos que quem o recebe não está com a mínima fome, e sofre com a perspectiva de ter de comer o conteúdo porque detesta aquele alimento. Para esse pobre convidado de cerimônia, o prato está cheio demais. Será que ele pode expressar isso enunciando (17)?

Meu prato está bem cheio.

A descrição de (17) não é apropriada a um prato pela metade, mesmo naquele cenário elaborado. Um ‘prato bem cheio’, assim como um ‘prato cheio’, precisa estar no grau máximo de ocupação. Examinemos agora o efeito de ‘bem’ com o polo negativo de uma escala fechada:

Meu prato está bem vazio.

Vamos nos valer, outra vez, do cenário com o prato de quiabo pela metade, levando em conta que esse é o prato predileto da comensal, que ela está faminta, que desejaria comer muito mais, mas tem vergonha de repetir. Para essa esganada convidada de cerimônia, o prato está vazio demais. Será que ela pode expressar isso enunciando (18)? A resposta é negativa. Tanto o AG ‘vazio’, sem intensificação, quando o complexo ‘bem vazio’ requerem que o prato esteja completamente destituído de conteúdo.

Vimos que, se ‘muito’ produz parâmetros relativos a partir de AGs absolutos, ‘bem’ produz o mesmo tipo de parâmetro dos AGs absolutos. Um prato ‘cheio’ é um prato 100% ocupado, assim como um prato ‘bem cheio’. Qual a diferença entre ‘cheio’ e ‘bem cheio’, então? A intensificação por ‘bem’ não pode elevar o grau de OCUPAÇÃO do argumento do adjetivo ‘cheio’, visto que, do ponto de vista lógico, 100% já é o grau mais elevado possível para uma escala fechada. O que confere esse reforço de grau em presença de ‘bem’, que se chama de intensificação? É o que investigaremos a seguir.

O Parâmetro de ‘Bem’

O exemplo (7), que aparentava mostrar ‘bem’ e ‘muito’ como sinônimos, merece ser reexaminado. A impressão superficial é a de que tanto ‘muito’ como ‘bem’ “elevam”, por assim dizer, o grau da propriedade atribuído ao argumento do AG. Mas há uma diferença entre ambos quanto ao parâmetro de comparação. Vamos recorrer a cenários, para tentar captar contrastes na interpretação.

Suponhamos que um prato tenha sido guardado no armário há um mês. Esse prato, que, depois de todo esse tempo, apresenta um leve traço de pó, pode ser considerado ‘muito sujo’ para servir alimentos a um bebê, sem que primeiro seja lavado. Isso porque uma criança nova deve ser alimentada em utensílios esterilizados. A comparação entre o argumento de ‘muito sujo’ e o estado ideal de utensílios empregados na puericultura rende a ordem relativa requerida por ‘muito’+ AG de polo positivo: o argumento apresenta um grau da propriedade mais elevado que o do parâmetro (contextual). Porém, dado o mesmo cenário, não seria pertinente descrever esse prato com uma mínima marca de poeira como ‘bem sujo’. Para se julgar um prato ‘bem sujo’, não basta que esse prato apresente o maior entre os graus de SUJEIRA comparados. Também não basta apresentar um grau de SUJEIRA distinto de zero, situação que satisfaz a verdade da predicação com o AG ‘sujo’, sem intensificação. Um prato ‘bem sujo’ precisa estar maximamente sujo, ou seja, ‘tão sujo como um prato pode estar’. Visto que o parâmetro absoluto foi mantido, podemos notar que a ponta da escala, que era aberta com o adjetivo sem intensificação, passa a se comportar, após a inserção de ‘bem’, como uma ponta fechada de escala: há a necessidade de uma sobreposição entre a marca de 100%, o grau mais alto da propriedade que o argumento de ‘bem’ + AG pode exibir, e o grau exibido de fato pelo prato na situação relevante. A questão é: como ‘bem’ opera esse fechamento na escala?

Se ‘bem’ cria uma expressão de parâmetro absoluto, então, do ponto de vista lógico, conclui-se que o parâmetro de comparação é informado pelo argumento do AG. Logo, precisamos identificar uma propriedade inerente ao AG que permita as leituras de sobreposição de grau associadas à intensificação por ‘bem’.

Segundo Rodolfo Ilari (em comunicação pessoal²), ‘Pedro tem os olhos bem verdes’ significa que o tom dos olhos dele é bastante igual àquilo que o falante considera o ideal de verde para a classe dos olhos. Não se trata do tom de verde que caracteriza um gramado de futebol, ou um limão, por exemplo. Esmiuçando essa observação, chegamos a uma propriedade inerente a qualquer indivíduo: a de pertencer a uma categoria, a certa classe, caracterizando uma relação de hiponímia. No caso do tom dos olhos de Pedro, o grau dessa cor precisaria coincidir com o grau típico (a nuance) dessa tonalidade para a categoria ‘olhos humanos’, classe a que o indivíduo ‘olhos de Pedro’ pertence. Vejamos como esse conceito se aplica aos dados.

‘Bem’ versus ‘Muito’

Acrescentamos a esse grande *insight* de Ilari que ‘Pedro tem os olhos bem verdes’ jamais poderá significar que o tom dos olhos de Pedro é excessivamente verde. Como dissemos, ‘bem’ requer que os graus comparados coincidam. Propusemos que o parâmetro de ‘bem’+ AG seja o grau ideal daquela propriedade para a categoria a que o argumento do AG pertence. Essa análise tem duas consequências lógicas: (i) para que a predicação por ‘bem’ + AG seja verdadeira, os graus comparados não poderão ser disjuntos; (ii) a comparação não poderá tomar nenhum parâmetro que não seja uma categoria em que o argumento de ‘bem’+ AG esteja incluído; assim, estando o parâmetro relacionado a uma propriedade inerente ao argumento do AG, a verdade da predicação por ‘bem’+ AG será sempre impermeável a manipulações contextuais.

Por outro lado, se, como afirmamos, ‘muito’ + AG se comporta como uma comparação relativa, de escala aberta, a verdade da predicação por um AG precedido por esse intensificador: (i) exigirá que os graus comparados sejam disjuntos; (ii) terá o valor de verdade da predicação sempre variando em resposta à manipulação do contexto, uma vez que o parâmetro de comparação depende do contexto assumido.

Para pôr à prova nossa hipótese, vamos propor situações que requeiram exclusivamente disjunção entre os graus comparados. Prevemos que ‘bem’ não poderá ser empregado, mas que ‘muito’ ficará perfeito nesses contextos. Um intensificador que expressa a relação de comparação desejada é ‘demais’; esse operador aparece posposto a AGs indicando que o grau de propriedade do argumento está além do grau do parâmetro. Por exemplo, ‘o jipe está caro demais para eu comprar’ significa que o enunciador não dispõe de meios suficientes para a compra: o preço do carro está além dos limites de seu poder aquisitivo. Vejamos se a mesma ideia é passível de expressão por ‘muito’ e por ‘bem’:

O jipe está muito caro para eu comprar.

O jipe está bem caro para eu comprar.

Notamos que (19) pode ser enunciada para expressar o impedimento na aquisição do carro, dado o descompasso entre o valor do bem e o poder aquisitivo do enunciador, mas (20) não é natural nesse mesmo contexto. Isso é esperado em nossa análise, visto que a interpretação desejada exige diferença entre o valor do carro e o poder de compra do enunciador, e não há relação de hiponímia entre esses indivíduos (‘carro’ e ‘comprador’). Nossa análise leva a prever que, se a expressão iniciada por ‘para’, que introduz o parâmetro de comparação, trazer uma classe à qual o jipe pertença, ‘bem caro’ se tornará plenamente aceitável. É exatamente o que se verifica em (21):

O jipe está bem caro para um carro importado.

² Colóquio “Debatendo Semântica Formal com Rodolfo Ilari”. Instituto de Estudos da Linguagem – Universidade de Campinas (IEL-UNICAMP), abril de 2009.

O jipe é um membro legítimo da classe dos carros importados; em (21), compara-se o preço de um tipo de carro com o preço médio da categoria a que esse indivíduo pertence. Uma paráfrase possível para (21) é “o jipe está tão caro quanto um carro importado pode ser”; o valor do jipe está dentro dos limites da faixa de preço média de seu hiperônimo. Há uma sobreposição dos graus comparados.

Embora ‘muito’ admita um parâmetro como o de (21), a verdade da sentença (22) requer que o grau do seu argumento sobrepuje o preço médio atribuído à classe dos carros, e, para tanto, os graus comparados têm de ser distintos:

O jipe está muito caro para um carro importado.

Vamos a um novo exemplo. Uma miniroda gigante foi alugada para a festa de aniversário de uma prima rica de Mariazinha. A idade máxima para usar o brinquedo é seis anos. Ora, Mariazinha, uma menina graúda, já completou nove, e está chorando por ter sido barrada ao tentar usar o brinquedo. Observemos as sentenças abaixo, como respostas da criança à inquirição dos pais sobre o motivo de seu choro:

O moço disse que estou grande demais para subir na roda gigante.

O moço disse que estou muito grande para subir na roda gigante.

O moço disse que estou bem grande para subir na roda gigante.

Verificamos que (23) e (24) expressam perfeitamente o fato de que o grau de IDADE da menina ultrapassa o limite máximo permitido para o ingresso no brinquedo, mas (25) não se presta à leitura de que o excesso de aniversários de Mariazinha é impeditivo para ela usar o brinquedo. Isso porque ‘bem’ não admite que os graus em comparação sejam diferentes. Por que então não se pode dizer de Joãozinho, que é um garoto miúdo de cinco anos e meio, que ele está apto a brincar na roda gigante, enunciando (26), (27) ou (28)?

Joãozinho está grande demais para poder subir na roda gigante.

Joãozinho está muito grande para poder subir na roda gigante.

Joãozinho está bem grande para poder subir na roda gigante.

No caso de (26) e de (27), como tanto ‘demais’ quanto ‘muito’ requerem que o grau do argumento supere o do termo de comparação, não é possível entender que João é tão “idoso” quanto o requerido para usar o brinquedo. A leitura de compatibilidade requer a sobreposição entre os graus, e tanto ‘demais’ como ‘muito’ requerem que os graus tenham valores não coincidentes. No caso de (28), a sobreposição de graus que a leitura de compatibilidade entre o grau de IDADE de Joãozinho e os graus de IDADE admitidos no brinquedo está de acordo com a semântica que propusemos para ‘bem’. Qual a fonte do resíduo de estranheza de (28), então? É que os limites de idade para uso do brinquedo não constituem obviamente um hiperônimo de Joãozinho. Porém, caso os graus comparados sejam sobrepostos, e o parâmetro de comparação seja um hiperônimo do argumento do AG, ‘bem’ será perfeito, mas ‘demais’ e ‘muito’ não estarão adequados. É o que vemos em (29), (30) e (31), enunciadas para expressar que o tamanho de Joãozinho está dentro da média das crianças de sua idade, ou seja, que sua altura é interna ao leque de graus de TAMANHO típico das crianças de sua faixa etária:

Joãozinho é grande demais para uma criança de cinco anos.

Joãozinho é muito grande para uma criança de cinco anos.

Joãozinho é bem grande para uma criança de cinco anos.

Note-se que Joãozinho pertence ao grupo das crianças de cinco anos; o parâmetro de comparação de (31) é, portanto, um hiperônimo do argumento do AG, e a sentença (31) é perfeita. A inadequação de ‘demais’(29) tem o mesmo motivo que a de ‘muito’ (30): esses intensificadores não podem expressar que o grau do argumento do AG coincide com o grau do parâmetro, coisa que ‘bem’ faz.

Há uma nova observação sobre a semântica de ‘bem’ que fica saliente em (31), e que pode elucidar o tipo de intensificação realizado por esse advérbio: o fato de que entendemos que Joãozinho está próximo do extremo superior da faixa de altura associada a crianças de sua faixa etária. A altura de João está dentro dessa faixa, mas entre as mais elevadas. Só para materializar mais essa intuição, assumamos que o TAMANHO médio de crianças de cinco a seis anos varie entre 1,08 m e 1,16 m. Temos aí um intervalo de 8 cm. ‘Bem’ coloca o argumento do AG dentro desse intervalo, mas no limite superior: entendemos por (31) que a altura de João não é 1,08 m ou 1,09 m, mas algo próximo de 1,15 m ou de 1,16 m. Daí a propriedade, para (31), da paráfrase: ‘João é tão grande quanto uma criança de sua idade pode ser’.

Resumindo, a intensificação por ‘bem’, ou seja, o efeito de aumento no grau de propriedade que esse advérbio passa, tem duas fontes: (i) o fato de que ‘bem’ compara um indivíduo ou uma subclasse (a denotação do argumento do AG) a uma classe que o/a contém, tipificando a predicação, e uma predicação sobre tipos é mais perene, menos accidental e, por isso mesmo, mais forte que uma predicação sobre particulares, a qual poderia ser apenas fruto de dadas circunstâncias – essa é a fonte do valor ‘ideal’ do grau, mencionado por Ilari; (ii) o fato de que há um contínuo de graus associado à categoria tomada como parâmetro de comparação, e, não obstante ‘bem’ coloque o grau do argumento do AG sempre dentro desse contínuo, coloca-o sempre mais perto de seu limite superior.

Recuperando o que já foi dito neste artigo quanto à intensificação por ‘muito’, o efeito de aumento no grau de propriedade que esse advérbio passa vem da ordem relativa que ele impõe entre graus distintos: (i) ‘muito’ implica comparação entre graus com valores distintos – ‘muito’ + AG positivo (‘muito grande’) significa que o argumento do AG tem grau maior que o do parâmetro de comparação, enquanto ‘muito’ + AG negativo (‘muito pequeno’) significa que o argumento do AG tem grau menor que o do parâmetro de comparação; (ii) ‘muito’ requer uma distância entre os graus disjuntos comparados mais significativa do que a distância observável entre os graus comparados quando o AG não está intensificado.

Conclusões

Exploramos, neste artigo, o fato de que a falsa sinonímia entre os intensificadores ‘bem’ e ‘muito’ se rompe em contextos que exigem ou coincidência entre os graus comparados ou, ao contrário, a não-identidade entre os valores dos graus comparados; e o fato de que a não-sinonímia também transparece em contextos nos quais o parâmetro de comparação não é um hiperônimo do argumento do AG.

Defendemos que ‘muito’ e ‘bem’ requerem parâmetros de naturezas distintas e produzem relações diversas entre os graus comparados, a ponto de o produto da intensificação de ‘bem’ ter condições de verdade diferentes do produto da intensificação por ‘muito’. ‘Bem’ exige que o parâmetro de comparação seja uma categoria à qual o argumento do AG pertença. O parâmetro de ‘muito’ é livre, podendo inclusive ser qualquer indivíduo tomado do contexto. ‘Muito’ requer que o grau do argumento do adjetivo e o do parâmetro sejam distintos; ‘bem’ requer que sejam coincidentes.

Nossa proposta para esse recorte da semântica de graus do PB dá suporte a um posicionamento teórico sobre a universalidade de certos aspectos das línguas naturais. A natureza dos parâmetros e os tipos de escalas importam em inglês e em PB, o que faz das estruturas lógicas das escalas, como propostas por Kennedy e McNally (2005), candidatos a universais linguísticos. Do ponto de vista paramétrico, o ponto da derivação sintática / composição semântica em que a estrutura lógica das escalas influi na intensificação não é o mesmo para as duas línguas. Segundo Kennedy e McNally (2005), os intensificadores do inglês selecionam exclusivamente AGs com tipos específicos de escalas e/ou de parâmetros. Em PB, ‘bem’ e ‘muito’ não fazem tal seleção, podendo intensificar quaisquer AGs; entretanto, o produto da intensificação por ‘bem’ terá sempre parâmetro absoluto e escala fechada, ao passo que o produto da intensificação por ‘muito’ apresentará sempre parâmetro relativo e escala aberta. Logo, a especialização em tipos de escala/ parâmetros, que aparece em inglês na seleção dos AGs pelos intensificadores, em PB distingue

os frutos da intensificação.

Referências Bibliográficas

Cunha, Celso Ferreira da. 1985. *Gramática da língua portuguesa*. 11. Rio de Janeiro: MEC/FAE.

Foltran, Maria José; Crisóstimo, Gisele. 2005. Os adjetivos participiais no português. *Revista de Estudos Linguísticos*, v. 13, n.o 1, p. 129-154, Belo Horizonte, jan./jun.

Foltran, Maria José. 2007. *A alternância entre adjetivos e advérbios como modificadores de indivíduos e eventos*. Texto para debate do evento Nos domínios do verbo. Programa de Pós-graduação em Letras da UFPR, Curitiba, v. 1, p. 12-13. Disponível em: <http://www.pgletas.ufpr.br/eventos/docs_eventos/Maria_Jose_Foltran.pdf>. Acesso em 05 ago. 2009.

Kennedy, Christopher; McNally, Louise. 2005. Scale structure, degree modification, and the semantics of gradable predicates. *Language* 81, p. 345-381.

Quadros Gomes, Ana. 2008. Tipos de Adjetivo em PB. Trabalho apresentado no I Simelp: Simpósio Internacional de Estudos de Língua Portuguesa – SLP 36. São Paulo: Universidade de São Paulo, Brasil. Disponível em: <<http://www.fllch.usp.br/dlcv/lport/pdf/slp36/03.pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2009.

Quadros Gomes, Ana. 2009. *O efeito grau máximo sobre os domínios: como todo modifica a relação argumento-predicado*. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-18082009-113413>>. Acesso em: 13 jan. 2010.

Quadros Gomes, Ana. 2011. The Structure of Gradable Adjectives in Brazilian Portuguese. In: Lima, Suzi (Ed.) *Proceedings of Sula V: Semantics of Under-Represented Languages in the Americas*. UMOP 41. Amherst, Massachusetts, USA: GLSA (Graduate Linguistics Students' Association) / Department of Linguistics / South College University of Massachusetts. p. 49-66.

PRODUÇÃO ORAL DE CRIANÇAS DE 3 A 6 ANOS DE IDADE: VARIACÃO LINGUÍSTICA NA INFÂNCIA

Luciene Juliano SIMÕES³

Simone Daise SCHNEIDER⁴

RESUMO: A presente pesquisa investiga o desenvolvimento da concordância nominal de número na produção oral de crianças monolíngues, adquirindo o português falado no Brasil. Trata-se de uma pesquisa Sociolinguística, considerando que esta subárea da Linguística estuda a língua em uso nas comunidades de fala, com atenção voltada para os aspectos linguísticos e sociais, capazes de influenciar as alternâncias de uso. descreve o desenvolvimento sintático inicial da criança. Ressalta-se a relevância desta pesquisa, uma vez que a sociolinguística quantitativa brasileira ainda não se debruçou sobre dados de criança, sobretudo pelas dificuldades envolvidas na constituição das amostras. Como objetivo principal, pretendemos descrever, analisar e explicar realizações de concordância nominal de número, na produção falada de crianças de 3 a 6 anos, em uma comunidade de classe socioeconômica média-alta, de Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, Brasil. Para investigar a variação linguística, no conjunto de variáveis internas, encontram-se fatores de natureza morfossintática e, no de variáveis externas, reúnem-se os sociais, como gênero, escolaridade e idade. A análise leva em consideração os pressupostos teórico-metodológicos da teoria da variação de base laboviana, visões de classes sociais, estudos de desenvolvimento sintático inicial e de concordância nominal. A metodologia de análise tem como base o Programa GOLDVARB-2003. Em suma, a concordância nominal de número no sintagma nominal é uma regra variável nas crianças hamburguesas, desde os três anos, principalmente, nos elementos que sucedem a primeira posição e posposto ao núcleo. Isso evidencia que elas expressam o plural na primeira posição do SN, determinantes, nos elementos antepostos ao núcleo.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística; concordância nominal; desenvolvimento da Linguagem.

Introdução

A presente pesquisa investiga o desenvolvimento da concordância nominal de número na produção oral de crianças monolíngues adquirindo o português falado no Brasil. Acredita-se, pois que a língua que a criança adquire, aquela falada na comunidade da qual ela faz parte e instrumento de interação social, é orientada por certo conjunto de regras que regem o comportamento verbal dos falantes.

Trata-se de uma pesquisa Sociolinguística, considerando que esta subárea da Linguística estuda a língua em uso nas comunidades de fala, com a atenção voltada para os aspectos linguísticos e sociais, capazes de influenciar as alternâncias de uso, forma essa que dá a variação o seu objeto de estudo. Além disso, integra os estudos da Aquisição da Linguagem, pois descreve o desenvolvimento inicial da criança. Consta, pois, de uma interlocução entre duas áreas, a Sociolinguística e a Aquisição da Linguagem, uma vez que a experiência social da criança funciona como suporte para a aquisição de uma língua. A escolha deste tema nasceu, em primeiro lugar, pelo profundo interesse por estudos voltados ao desenvolvimento sintático infantil. Em segundo lugar, por acreditar que inúmeros fatores extralinguísticos estão diretamente relacionados a este desenvolvimento, o que permite compreender como se dá o fenômeno da concordância nominal, visto pelas pessoas como indicativo, muitas vezes, de cultura e de prestígio. Ressalta-se a relevância desta pesquisa, uma vez que a sociolinguística quantitativa brasileira ainda não se debruçou consistentemente sobre dados de criança, sobretudo pelas dificuldades envolvidas na constituição das amostras.

As coletas de dados com crianças apresentam dificuldades. Por exemplo, para obter informações de cunho socioeconômico é necessário envolver um adulto, membro da família, ampliando o campo de informantes para o

³ SIMÕES, Luciene Juliano. (Orientadora).UFRGS. Instituto de Letras. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Avenida Bento Gonçalves, 8500. Bairro agronomia. CEP 91540-000. Porto Alegre. Rio Grande do Sul, Brasil.

⁴ SCHNEIDER, Simone Daise. (Aluna do Doutorado). UFRGS. Instituto de Letras. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Avenida Bento Gonçalves, 8500. Bairro agronomia. CEP 91540-000. Porto Alegre. Rio Grande do Sul, Brasil.

trabalho. Além disso, as interações entre o entrevistador e o entrevistado precisam ser planejadas em quantidade e qualidade suficientes para elicitarem dados de plural. Assim, as pesquisas sobre concordância nominal são antigas, porém com dados de fala de falantes adultos, as quais nos darão sustentação à análise linguística.

O que pouco se sabe é sobre essa regra variável, tão presente na produção oral infantil desde o início de seu desenvolvimento linguístico e da sua relação com o processo social em que a criança está imersa. Este trabalho consiste, pois, da análise da variação da aplicação da regra de concordância nominal de número na fala inicial de crianças, escolarizadas, de classe socioeconômica média-alta, abordando aspectos linguísticos e, sobretudo, sociais. Como objetivo principal, pretendemos descrever, analisar e explicar realizações de concordância nominal de número, na produção falada de crianças de 3 a 6 anos, de classe socioeconômica média-alta, residentes em Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, Brasil. Para investigar a variação linguística, no conjunto de variáveis internas, encontram-se fatores de natureza morfossintática e, no conjunto de variáveis externas à língua, reúnem-se os fatores propriamente sociais, como idade, gênero e classe social. Além disso, fatores estilísticos também estão sendo analisados.

A análise leva em consideração os pressupostos teórico-metodológicos da teoria da variação de base laboviana, visões de classes sociais, estudos de aquisição da linguagem e de concordância nominal. Como procedimentos metodológicos, realizamos as seguintes etapas: a) seleção inicial dos informantes, considerando informações referentes à profissão/ ocupação, escolaridade e local de moradia dos pais dos possíveis informantes. Das crianças, as informações solicitadas são: naturalidade, faixa etária (3 a 4 anos; 4,1 a 5 anos; 5,1 a 6 anos), língua materna e o gênero; b) realização e registro, em áudio e em vídeo, de seis interações livres – individualmente – dos informantes na escola que frequentam; c) as falas que contêm plural foram transcritas e salvas em word para, então, analisá-las. A metodologia de análise tem como base o Programa GOLDVARB-2003, cuja finalidade é produzir resultados numéricos associados aos diversos grupos de fatores. Ressaltamos que a montagem do Banco de dados é a proposta principal nesta tese.

No que segue, apresentaremos a análise de dados realizada a partir de uma rodada preliminar, momento em que se encontra a análise e apenas a análise atomística. O nosso objetivo é o de descrever os resultados dos grupos de fatores, evidenciando as variáveis selecionadas como estatisticamente relevantes e discuti-las a partir dos textos relativos ao assunto aqui estudados e de resultados encontrados em outras pesquisas sobre concordância nominal de número. Para tanto, buscamos os estudos realizados na área, a fim de comparar a produção oral infantil, com um trabalho também realizado com crianças e com um bom número de trabalhos realizados com o adulto, em especial, Scherre (1988). Queremos, com isso, identificar os condicionamentos estruturais, sociais e estilísticos atuantes no uso da regra variável de concordância nominal de número na produção oral infantil.

Descrição e análise de dados

Neste momento da análise, focalizamos a atenção em cada elemento flexionável do sintagma nominal, que, segundo Scherre (1988), trata-se de uma análise atomística. O objetivo da análise está em averiguar a frequência da marca de plural no interior do SN, considerando variáveis internas do sistema linguístico e variáveis externas.

Considera-se como aplicação da regra a presença formal de plural no item analisado e como não-aplicação a ausência da marca de número. Os nossos dados serão analisados, comparando-os aos dados coletados e analisados por Scherre (1988), Capellari (2004) e Simões (2003). Ressaltamos que os demais trabalhos realizados sobre o tema e anteriormente expostos serão também explorados durante a análise, mas não servirão para a descrição em termos comparativos.

Inicialmente, apresento a frequência global de aplicação da marca de concordância de nominal de número, para que se tenha visibilidade geral dos dados e dos resultados. A partir disso, seguem os dados por nós coletados com a respectiva análise. Quanto à frequência global, a aplicação da marca de plural é predominante, com 95% de itens marcados pela concordância nominal de número. Assim, dos 3028 dados coletados, observou-se o morfema /s/ em 2881 dos casos.

Os outros 147 (5%) itens constituem a não-aplicação da regra, ou seja, a ausência da marcação de plural.

Antes de analisarmos os dados e interpretarmos os resultados, é necessário destacar certos aspectos fundamentais. Em primeiro lugar, os nossos dados são, basicamente, oriundos de sintagmas nominais plurais formados por dois elementos (determinante + nome), no máximo, três elementos (determinante + nome + adjetivo) Esse fato, certamente, contribuiu para o alto índice de aplicação da regra, porque, segundo a literatura, é nessa posição que as marcas de plural estão mais presentes. Como exemplo, trazemos “desses pintinhos”, “os pintinhos e as galinhas”, “os olhos vermelhos”.

Em segundo lugar, saliento que a rodada em análise, realizada com o programa computacional GOLDVARB, destacou, como estatisticamente significativas as variáveis Processos morfofonológicos de formação de plural, classe gramatical, grau dos substantivos e adjetivos, faixa etária e interação. Logo, ele eliminou as variáveis tonicidade, posição dos elementos no SN, contexto fonético/fonológico seguinte, posição do elemento em relação ao núcleo, gênero e entrevistador. Realizamos esta rodada com a variável informantes, obtendo um *knockout* (32/32). Em segundo lugar, a aplicação de concordância ficou em 99,2% e em último lugar ficou em 88,5%. Logo, a aplicação máxima foi de 100% e a mínima de 88,5%, em uma média de 95% de aplicação da marca.

Neste artigo, nos restringiremos a apresentar os resultados obtidos nas variáveis consideradas pelo programa como estatisticamente relevantes, o que não exclui comentários significativos em relação às demais variáveis. Iremos compará-los aos poucos trabalhos sobre variação linguística na infância existentes e com o que se considera regra variável de concordância caracterizada na fala do adulto.

Variáveis linguísticas

a) Processos morfofonológicos de formação de plural

Este princípio consiste em estabelecer que as formas mais salientes e, por isso, mais perceptíveis, são prováveis de serem marcadas do que as menos salientes (formas salientes são mais marcadas). Os primeiros estudos visando à saliência fônica, no Brasil, foram feitos por Lemle e Naro (1974 – 1976), em pesquisa sobre concordância verbal. Para eles, as formas mais salientes, por serem mais perceptíveis, são mais marcadas que as formas menos salientes.

Naro, em 1981, propôs que se estabelecessem duas dimensões no eixo da saliência fônica: processos e tonicidade. Scherre, em 1988, observa a possibilidade de uma terceira dimensão: o número de sílabas. Guy subdividiu esse grupo em sete níveis.

Scherre trata o eixo da saliência fônica sob três dimensões: 1- processos morfofonológicos de formação de plural; 2- tonicidade da sílaba dos itens lexicais singulares; 3- número de sílabas dos itens lexicais singulares. No caso deste trabalho, o item 1 e 2 serão tratados como variáveis independentes e o terceiro não será analisado por nós.

Vários trabalhos já realizados com adultos sobre concordância nominal (Braga & Scherre 1976, Ponte 1979, Nina 1980, Guy 1981, Scherre 1988, Carvalho 1997, koelling 2003, Andrade 2003 e Martins 2010) evidenciam que as palavras com maior diferenciação fônica na relação singular/plural tendem a ser mais marcadas. De modo geral, o fator que evidenciou maior peso com relação à presença de marcas foi o plural duplo; em segundo lugar, os fatores com alteração da sílaba final. Comprova-se, assim, o Princípio da Saliência Fônica, que afirma quanto mais salientes as formas mais perceptíveis e, conseqüentemente, mais marcadas. Logo, itens irregulares são mais favoráveis à concordância nominal de número que os regulares.

De igual modo, na pesquisa com crianças, os resultados se comprovaram. Capelari (2004) encontrou que os itens que apresentam diferenciação fônica na pluralização são favoráveis à marca de número, enquanto que os itens regulares são desfavorecedores (0,47).

Com relação aos nossos dados, para investigar o efeito da variável processos morfofonológicos de formação do plural, organizamos a variável em três fatores: itens com plural metafônico, itens com modificação da sílaba final e item regular, cujo plural se faz com o acréscimo do -s. Essa foi uma das variáveis selecionadas pelo GOLDVARB e os resultados encontram-se abaixo.

Fatores	Aplicação/total	Porcentagem	Peso Relativo
Modificação da sílaba final	391/406	96%	0.63
Item regular, cujo plural se faz com o acréscimo do S	2416/2535	95%	0.48
Plural metafônico	74/87	85%	0.36
Total	2881/3028	95%	
Input: 0.970			Significância:0.031

Tabela 1 – Processos Morfofonológicos de formação de plural

Como podemos ver na Tabela 1, os itens que apresentam modificação na sílaba final são os que mais retêm a marca formal de plural (0.63). Em seguida, os itens formados pelo simples acréscimo do morfema /s/, que apresentam um peso relativo de 0.48 de aplicação da marca de concordância, o que indica que são menos favorecedores da concordância nominal em relação ao item anterior. Os itens com plural metafônico (0.36) apresentam condicionamento semelhante, o que denota ser pouco favorecedor da regra de concordância.

Destacamos que, como havia poucos casos que contemplavam os fatores itens terminados em L (ais), terminados em ãO (aos), terminados em R (es), terminados em S (es), optamos em juntá-los em um único fator *itens com alteração silábica final*. Como exemplo, podemos citar: **desses dois PAPELÕES** (Az28), **Dois ANÉIS** (Az25), **muitas flores** (Az27).

Conforme a tabela, encontramos poucas ocorrências de itens com plural metafônico, ou seja, de 87 ocorrências, em 74 houve a aplicação da marca de concordância. Como exemplo, citamos o que teve maior número de ocorrências: **os PORCOS** (Az27), esses **PORQUINHOS** (Az16) . Esse resultado contraria o obtido por Scherre, que evidenciou o plural duplo como o fator que apresenta maior peso com relação à presença de marcas.

Os resultados obtidos neste estudo são semelhantes aos já encontrados por Scherre e Capelari quanto ao plural regular, uma vez que em Scherre encontramos (0.24), em Capelari (0.47) e por nós (0.48), o que confirma a hipótese de que os itens regulares desfavorecem a marcação de plural. Neste estudo, encontramos o fator com maior peso relativo o item em que a sílaba final apresenta alteração na marcação do plural (0.63), o que não dá para ser comparado aos demais estudos, pois este fator é analisado em diferentes fatores (terminação l/ais; terminação ao/ões; terminação r/es; terminação s/es). De igual modo, constata-se que esses são itens com diferença fônica, o que justifica o resultado encontrado. Considerando os resultados em relação à metafonia, o plural metafônico será analisado novamente, a fim de verificarmos em que faixa etária esse fenômeno está mais presente, uma vez que pode estar indicando uma questão de aquisição. Outra hipótese é que sejam casos de aplicação de flexão não-padrão, mas sinalizam para a existência de concordância no sintagma.

b) Classe gramatical dos elementos

Os estudos já expostos realizados com adultos evidenciaram diferentes resultados. Para Fernandes (1996), a classe gramatical dos elementos não é muito significativa nos estudos de concordância em si. Carvalho (1997) afirma que classes gramaticais que funcionam como determinantes (quantificador, possessivo, indefinido, artigo e demonstrativo) apresentam maior probabilidade de serem marcadas, mais que substantivos e adjetivos. Segundo a mesma autora, as classes gramaticais não-nucleares à esquerda do núcleo apresentam um alto índice de aplicação da variável –s. Semelhante resultado foi encontrado por Martins (2010), cujo estudo evidenciou que elementos determinantes, como artigo, numeral e pronome recebem a marca explícita de plural mais do que os nucleares. Andrade (2003) encontrou que substantivos na primeira posição favorecem mais a aplicação da regra que os próprios determinantes na primeira posição e que os adjetivos desfavorecem a aplicação da regra em qualquer posição.

Scherre, por sua vez, realizou a análise de classe gramatical e posição, fazendo o cruzamento entre essas duas variáveis e, a partir dos dados de adultos, atesta que qualquer classe, em primeira posição, é mais marcada do que em outras posições. Capellari como Scherre efetuou o cruzamento entre posição e classe para observar as possíveis relações entre essas variáveis. Capellari encontrou que a primeira posição exerce influência sobre a marca de plural, “salvo os substantivos, as categorias substantivadas e os adjetivos, que impossibilitam qualquer influência devido aos escassos casos”, em seu estudo. Assim, todas as classes, quando nessa posição, são altamente favorecedoras da aplicação da regra.

A seguir, apresentamos a Tabela 2, com os resultados obtidos por nós, quanto à classe gramatical dos elementos. Ressaltamos que definimos uma classe para os determinantes, e analisamos substantivo, categoria substantivada e adjetivo. Além disso, o GOLDVARB classificou-a como estatisticamente significativa, diferentemente de Fernandes (1996), que considera a classe gramatical não muito significativa nos estudos de concordância nominal.

Fatores	Aplicação/Total	Porcentagem	Peso Relativo
Determinante	1398/1418	98%	0.71
Categoria substantivada	63/64	98%	0.68
Substantivo	1370/1489	92%	0.29
Adjetivo	50/57	87%	0.19
Total	2881/3028	95%	

Input: 0.970 Significância: 0.031

Tabela 2 – Classe gramatical dos elementos

A Tabela 2 nos mostra que os determinantes são os que retêm a marca de plural, com peso relativo de 0.71, seguidos, pela categoria substantivada (0.68) e as categorias substantivos (0.29) e adjetivos (0.19). Isso evidencia, com clareza, a estrutura predominante do SN (determinante+substantivo), em alguns poucos casos de (determinante+substantivo+adjetivo).

Considerando essa realidade, o que prevíamos inicialmente como fatores *quantificador, possessivo, indefinido, artigo e demonstrativo*, nos fez optar por um único fator *determinante*. Como exemplo, podemos citar **os PORQUINHOS** (Az29), **UMAS amarelas** (Az10), **Os ANÉIS** (Az24), entre outros tantos exemplos.

De modo geral, os nossos resultados se assemelham aos obtidos por Capellari, uma vez que os resultados obtidos por nós evidenciaram que os determinantes (artigo, possessivo, demonstrativo, quantificador), com peso relativo (0.71) são os que exercem mais influência sobre a marcação de plural. Capellari analisou os fatores separadamente e constatou

que os possessivos (0.87) e os artigos e os demonstrativos (0.85) exerceram mais influência sobre a marcação de plural.

Esse resultado corrobora os resultados obtidos em outros estudos, mesmo com adultos: que a primeira posição e os determinantes são mais marcados que outras classes gramaticais, como o substantivo e o adjetivo e que o adjetivo, conforme Andrade (2003), desfavorece a aplicação da marca de concordância. Assim, confirma-se, mesmo em dados obtidos com crianças, semelhante aos de adultos, que a classe gramatical relacionada à posição linear tem significativa influência sobre a concordância nominal.

c) Grau dos itens lexicais

Segundo Scherre, itens flexionados em grau são desfavorecedores da presença da marca de número. Ela argumenta esse resultado, dizendo que reflete aspectos relacionados à informalidade, pois, na língua falada, a flexão em grau é um recurso utilizado para expressar desprezo, ironia e carinho. A análise de Andrade (2003) evidenciou que aumentativo e diminutivo foram menos marcados que o grau normal. Para Capellari, o resultado foi semelhante: a flexão de grau desfavorece a marcação de concordância nominal. Assim, os dados obtidos por Capellari apontam para um comportamento semelhante ao encontrado na fala adulta.

Em nosso estudo, os substantivos e os adjetivos foram categorizados em função do grau: normal e diminutivo/aumentativo. Destaca-se que o GOLDVARB estabeleceu esta variável com significância estatística. Os resultados estão na Tabela 3, que segue.

Fatores	Aplicação/Total	Porcentagem	Peso Relativo
Normal	2704/2822	95,8%	0.50
Diminutivo/Aumentativo	177/206	85,9%	0.37
Total	2881/3028	95%	

Input: 0.970 Significância: 0.031

Tabela 3 – Grau dos itens lexicais

Como resultado, obtivemos: o grau diminutivo/aumentativo (0.37) desfavorece a aplicação da regra em oposição ao grau normal (0.50), que a favorece. Esse resultado se deve ao fato do número de ocorrências obtido, que no grau aumentativo/diminutivo, em um total de 206 ocorrências, 177 houve a aplicação da marca de concordância, o que é considerado um número muito pequeno de ocorrências em relação ao grau normal, que de um total de 2822 ocorrências, em 2704 houve a aplicação da marca de concordância nominal.

Desse modo, nossos resultados são somados aos já encontrados tanto na fala infantil por Capellari quanto na fala adulta pelos estudiosos acima citados.

Variáveis sociais

a) Faixa etária

Quanto à faixa etária, os estudos realizados com adultos evidenciaram que: o apagamento do –s entre adultos jovens é maior que entre adultos mais velhos e adolescentes (Guy, 1981); a idade na concordância nominal foi relevante (Nina, 1980); faixa etária foi a variável que menos influência revelou ter (Scherre, 1988); informantes entre 15 e 29 anos que

mais empregam a forma padrão (Bueno, 2002); os informantes dos 18 aos 35 anos e os maiores de 56 anos utilizam as variantes de forma homogênea (Martins, 2010); jovens e idosos concentram mais a possibilidade de aplicação da regra de concordância (1997). Logo, acredita-se que o uso de formas mais prestigiadas pelos jovens se dá devido às pressões do mercado de trabalho.

Capellari não encontrou gradação alguma que pudesse sugerir diferenciação linguística entre as faixas etárias das crianças consideradas em sua análise. Os resultados obtidos por ela indicam que o comportamento verbal das crianças, pelo menos dos quatro aos oito anos, é igual. Ela encontrou produção de SNs plurais padrão somente a partir dos 5 anos e 9 meses.

Os trabalhos de Capellari (2004) e Santos (2005) examinaram idade como fator extralinguístico em dados longitudinais e transversais, discutindo sua atuação na produção de concordância nominal de número variável. Os resultados de ambos os trabalhos apontam para os processos de alfabetização e letramento atuando de forma cruzada com a idade dos informantes.

Os resultados de Simões (2005) e Santos (2005) mostram um maior índice de aplicação da concordância padrão (manutenção da marca de plural em todos os elementos no sintagma nominal) nas faixas etárias pós-alfabetização do que nas faixas etárias pré-alfabetização.

No nosso estudo, trabalhamos com três faixas etárias. Ressaltamos que o GOLDVARB considerou esta variável como estatisticamente significativa. Na Tabela 4, que segue, constam os resultados obtidos.

Fatores	Aplicação/Total	Porcentagem	Peso Relativo
5,1 a 6 anos	1245/1295	96%	0.56
4,1 a 5 anos	1001/1062	94,3%	0.45
3 a 4 anos	635/671	94,6%	0.43
Total	2881/3028	95%	

Input: 0.970

Significância: 0.031

Tabela 8 – Faixa etária

Conforme a tabela acima, a manutenção da concordância é mais acentuada em crianças na faixa etária dos 5,1 a 6 anos (0.56). Em segundo lugar, na faixa etária dos 4,1, a 5 anos (0.45) e, em terceiro lugar, está a faixa etária dos 3 aos 4 anos de idade (0.43). Assim, existe uma diferença significativa entre a faixa etária dos 5,1 aos 6 anos, em relação às outras duas faixas, as quais, por sua vez se aproximam muito.

O resultado obtido por nós se aproxima do que se tem observado entre falantes adultos. O percentual obtido em nosso estudo (96%), na faixa etária dos 5,1 aos 6 anos também está próximo do encontrado por Soares (2003) na fala espontânea de um menino da mesma faixa etária (89,7%).

Com tais resultados, podemos afirmar que a produção de SNs padrão se dá, pelo menos, a partir dos 3 anos de idade. Acredita-se que isso se deve, também, pelo acesso dessas crianças ao mundo letrado desde muito pequenos tanto em casa, no meio familiar quanto na escola, pois são crianças que desde bem pequenas frequentam o ambiente escolar.

Variáveis estilísticas

a) Interação

Labov (1966) afirma que estilo corresponde ao grau de atenção ou monitoramento que um falante atribui a sua fala – fala casual e fala cuidadosa. Considerando esta definição, buscamos estudos desenvolvidos que explorem a variável estilo. Guy (1981) concluiu que, em situação de fala casual a incidência de apagamento é maior; logo, a fala monitorada favorece a marca de plural. Scherre (1988) concluiu que o número de marcas formais de plural no SN é condicionado por traços estilísticos de formalidade. Este resultado encontra-se também em Fernandes (1996) que afirma que quanto mais formal a situação, maior a aplicação da regra.

Na análise desta variável, procuramos olhar para a produção oral infantil da concordância nominal de número em diferentes interações. Assim, as situações de coleta foram os fatores selecionados: fazendinha, zoológico, lojinha, reconto, narrativa tradicional e narrativa espontânea. Ressaltamos que o GOLDVARB selecionou esta variável como estatisticamente significativa. Segue a tabela com os resultados obtidos.

Fatores	Aplicação/ Total	Porcentagem	Peso Relativo
Narrativa Tradicional	217/222	97,7%	0.73
Zoológico	619/638	97%	0.59
Lojinha	801/832	96%	0.54
Fazendinha	789/848	93%	0.39
Reconto	220/235	93,6%	0.38
Narrativa Espontânea	235/253	92,9%	0.36
Total	2881/30	95%	

Input: 0.970

Significância: 0.031

Tabela 10 – Interação

A tabela acima evidencia que a narrativa tradicional (0.73) é a interação de maior uso de SNs plurais. Em segundo lugar, com uma diferença significativa do primeiro, o zoológico (0.59) e, em terceiro, a Lojinha (0.54). Assim, as demais interações não favoreceram a aplicação de concordância nominal de número. A justificativa, talvez, esteja na história contada por grande parte das crianças: Os três porquinhos; outra justificativa pode estar no fato da narrativa tradicional ser considerada uma fala mais cuidadosa, talvez monitorada, ou mesmo mais formal.

Nossos dados se assemelham aos encontrados por Capellari e Zilles (2002), cujo estudo apresenta resultados que indicam que o contexto de maior uso de SNs plurais padrão é o que a criança conta historinhas, baseadas em livros infantis (50%), contrastando com o percentual obtido no contexto em que ela conta uma história pessoal (34%). Semelhantes resultados, porém com uma diferença mínima, Capellari (2004), encontrou em seu estudo, destacando que há um uso mais acentuado da marca de número no contexto da narrativa. Simões (2004) obteve em uma amostra longitudinal uma diferença significativa entre o relato pessoal (44%) e a contação de uma história pela criança (64%). Logo, o fato *história tradicional* é bem favorecedor da concordância. Reportamos ao que foi exposto sobre o letramento, pois este resultado mostra uma vez mais o conhecimento das crianças das relações entre oralidade letrada e concordância.

Assim, reforçamos o exposto por Capellari (2004:129) que a concordância nominal de número na fala infantil constitui um dos recursos utilizados para distinguir um estilo menos formal, utilizado nas situações de relato pessoal, de um mais formal, usado nos contextos narrativos. Podemos inferir, portanto, que as diferenças apresentadas refletem uma situação de variação estilística na produção oral infantil. Esses resultados obtidos com a fala infantil evidenciam semelhança com o sistema adulto.

É relevante, ainda, fazer menção às outras variáveis analisadas, porém não selecionadas pelo programa. Quanto à tonicidade dos itens encontramos que a categoria das proparoxítonas é a que mais favorece a marca morfológica do plural, com 97%, contrastando o resultado de Scherre, que obteve 52% e Capellari que obteve apenas 15%. No entanto, ressalta-se que o conjunto de palavras proparoxítonas é muito pequeno, pois somente sete palavras fazem parte do universo dos dados, que são: árvores, abóboras, hipopótamos, máscara, zoológicos, plásticos e dólares, sendo que as três primeiras foram repetidas e as quatro últimas foram empregadas apenas uma vez.

Em segundo lugar, com 96%, evidenciamos que as palavras oxítonas e os monossílabos tônicos são mais marcados que as paroxítonas e os monossílabos átonos (94%). Esse resultado se assemelha ao encontrado por Scherre para essa categoria (86%), contrastando, no entanto, com os resultados obtidos por Capellari, que obteve apenas 28%, o que demonstra que os oxítonos foram pouco marcados. Dessa forma, os nossos resultados apontam para o efeito da tonicidade sobre a presença da marca de número, resultado esse semelhante aos obtidos na fala adulta.

Quanto aos dados obtidos por nós referentes à posição linear dos elementos no SN, podemos constatar que, semelhante a outros estudos, até mesmo realizado com adultos, a primeira posição (a posição zero) foi a que mais se destacou em relação às outras, quanto ao favorecimento à aplicação da marca de concordância nominal de número. Nos nossos dados, a primeira posição (posição zero) no SN é a que retém mais marcas de concordância (98%), seguido da terceira posição (posição dois), com 93% e, por último, a segunda posição, com 92%.

Constatamos, quanto à variável contexto fonológico/fonético seguinte que o fator que mais influencia a concordância é o item seguido de vogal (98%), após o item seguido de consoante (96%). O fator com menor condicionamento em favor da marca foi o item seguido de pausa (92%).

Na variável posição do elemento em relação ao núcleo do sintagma nominal evidenciamos que os elementos antepostos ao núcleo do SN são mais marcados (98%), seguido dos elementos que constituem o próprio núcleo do SN (92%) e, por último, dos elementos pospostos ao núcleo do SN (88%). Esse resultado nos leva a concluir que os elementos antepostos ao núcleo são altamente favorecedores da concordância nominal, enquanto que os pospostos são pouco favorecedores da regra.

Quanto à variável social gênero constatamos uma pequena diferença entre meninos e meninas. Mesmo assim, confirma que as mulheres (95,7%) tendem a reter mais marcas de concordância nominal que os homens (94,5).

Em relação à variação estilística na produção da criança, inserimos a variável entrevistador, a fim de verificar a influência do interlocutor na fala infantil. Definimos a necessidade desta variável, considerando que a coleta de dados foi realizada por três pessoas diferentes, as quais interagiram com a criança durante a coleta. Os resultados revelaram um empate percentual da produção das crianças com um ou com outro entrevistador. O entrevistador 1 obteve um percentual de 95% de produção padrão, seguido do 3 com 94,9 e do entrevistador 2 com 94,7. Em outras palavras, o interlocutor não influenciou na produção da criança

Considerações finais

Com a análise realizada até então, constatamos que a concordância nominal de número no Sintagma Nominal é uma regra variável em crianças hamburguenses, escolarizadas, na faixa etária dos três aos seis anos de idade. Logo, podemos afirmar que existe variação linguística em idade inicial já aos três anos de idade.

Essa variação se dá em crianças hamburguenses, de classe média-alta, principalmente, nos elementos que sucedem a primeira posição e posposto ao núcleo. Isso evidencia que, considerando os dados até então analisados e a análise

atomística realizada, as meninas hamburguenses, em especial de cinco a seis anos, expressam o plural na primeira posição do SN, formado, em sua maioria, por determinantes, os quais se encontram antepostos ao núcleo.

Os resultados estão indicando que as crianças hamburguenses, pertencentes ao Espaço Azul, caracterizadas como de classe social média-alta apresentam altos índices da aplicação da marca de concordância nominal de número. Evidencia-se a relação entre as dinâmicas sociais das crianças bem como as demais categorias sociais como fatores favorecedores da marcação de plural.

Acreditamos que, neste momento do desenvolvimento do trabalho, é possível correlacionar tais categorias sociais ao uso de formas prestigiadas de concordância nominal de número na produção oral infantil. Ouso, ainda, comentar que o meio social em que essas crianças, cujos dados foram analisados, vivem seja um fator condicionante da marcação de plural.

Referências Bibliográficas

AMARAL, Luis Isaías Centeno. *A concordância verbal de segunda pessoa do singular em Pelotas e suas implicações lingüísticas e sociais*. Porto Alegre. PPG-Letras, UFRGS, 2002. (Tese de Doutorado)

ANDRADE, Leila Minatti. *Rupturas e contínuos da concordância nominal de número em textos orais de informantes de Tubarão (SC) e São Borja (RS)*. Universidade Federal de Santa Catarina, 2003.

BRAGA, Maria Luiza. *A concordância nominal no sintagma nominal no Triângulo Mineiro*. 1977. Dissertação de Mestrado em Lingüística. Departamento de Letras e Artes. PUCRJ, RJ

CAPELLARI, Elaine Teresinha Costa. *Concordância nominal de número na fala infantil: análise variacionista*. Porto Alegre. PPG-Letras, UFRGS, 2004. (Dissertação de Mestrado).

CARVALHO, Hebe Macedo. *Concordância nominal: uma análise variacionista*. 1997. 158p. (Mestrado em Língua Portuguesa) - Universidade Federal da Paraíba, 1997.

FERNANDES, Marisa. *Concordância nominal na região sul*. 1996. 130 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

GUY, G. *Linguistic variation in Brazilian Portuguese: aspects of the fonology, syntax, and language history*. Philadelphia, 1981, 391p. Tese (Doutorado em Linguística) University of Pennsylvania, 1981.

KOELLING, Sandra Beatriz. 2003. 113 p. *A Concordância Nominal em Porto Alegre*. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

LABOV, W. *The intersection of sex and social class in the course of linguistic change*. Language Variation and Change, 2, 205 – 254.

_____. *Sociolinguistics patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

_____. *The social stratification of English in New York City*. Washington, DC.: Center for Applied Linguistics, 1966.

Martins, Flávia Santos. *Uma abordagem sociolinguística da concordância nominal de número no falar dos habitantes do município Amazonense de Benjamin Constant*. Working Papers em linguística, n.esp.: 45-56, Florianópolis, 2010

Naro, A. J. *The social and the structural dimensions of a syntactic change*. Language, v.57, n. 1, 1981.

Nina, Terezinha de Jesus. *Concordância nominal/verbal do alfabeto na micro-região de Bragantina*. 1980. 165 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Ponte, Vanessa Maria Lobo. *A concordância nominal no linguajar de uma comunidade pobre de Porto Alegre*. 1979. 215 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras e Artes. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Santos, Cristiane Silva dos. *Letramento e Variação na Fala Infantil: o caso da concordância nominal*. Trabalho de Conclusão de Curso, Porto Alegre, Instituto de Letras, UFRGS.

Scherre, Maria M. P. *Introdução ao pacote Varbrul para microcomputadores*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993.

_____. Maria Marta Pereira. *A regra de concordância de número no sintagma nominal em português*. 1976. 158 p. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Departamento de Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

_____. Maria Marta Pereira, SILVA, Giselle Machline de Oliveira e. *Padrões sociolingüísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: departamento de Lingüística e Filologia, UFRJ, 1998.

_____. Maria Marta Pereira. *Aspectos da Concordância de número no português do Brasil*. Revista Internacional da Língua Portuguesa (RILP) – Norma e Variação do Português. Associação das Universidades de Língua Portuguesa. 12:37-49.dez. de 1994.

_____. Maria Marta Pereira. *Reanálise da concordância de número em português*. 1988. 558 f. Tese (Doutorado em Lingüística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

simões, L.J. Concordância nominal de número e a aquisição de regras variáveis. *Cadernos de Pesquisa em Lingüística*. Porto Alegre, v.1, n.1:39-42.